

PREFÁCIO E LEITOR(ES)-MODELO(S): INSTRUÇÕES PARA UMA MÁQUINA PREGUIÇOSA

*PREFACE AND READER-MODEL(S):
INSTRUCTIONS ON A LAZY MACHINE*

Rita Jover-Faleiros

UnB
Brasília, DF, Brasil

Resumo

O interesse pela recepção nos estudos literários cresce a partir da segunda metade do século XX, notadamente com os trabalhos sobre recepção de Hans Robert Jauss e sobre leitura de Wolfgang Iser, na Alemanha, e de Umberto Eco, na Itália. No que diz respeito especificamente aos trabalhos sobre leitura literária, concentram-se na reflexão a propósito do modo como são configurados textualmente os mecanismos de cooperação textual ou conjunto de condições de êxito para leitura. A primeira década do século XXI vem assistindo, entretanto, ao crescente interesse pela pesquisa na área que possa incorporar outros elementos não exclusivamente textuais à reflexão, a saber, os leitores empíricos e seus contextos de leitura. Motivados por esse interesse, analisamos as possibilidades de atualização dos Leitor(es)-Modelo em um prefácio de autor, gênero textual aqui entendido como um espaço de “projeções”.

Palavras-chave: Leitura; Leitor-Modelo; Paratexto; Prefácio; Ensino da Literatura.

Résumé

L'intérêt pour la réception dans les études littéraires s'accroît à partir de la deuxième moitié du siècle dernier, notamment par les travaux de Hans Robert Jauss sur la réception et, sur la lecture, ceux de Wolfgang Iser en Allemagne, et de Umberto Eco en Italie. Sur ce qui a trait plus particulièrement aux travaux au sujet de la lecture littéraire, nous vérifions que la réflexion se focalise surtout à propos du mode par lequel sont configurés textuellement les mécanismes de coopération textuelle, autrement dit,

Abstract

The interest received in literary studies has noticeably increased since the second half of the last century, especially by Hans Robert Jauss on the reception and for reading, Wolfgang Iser in Germany and Umberto Eco in Italy. In this respect especially the work on literary reading, we verify that the reflection focuses mainly about which mode are configured textual cooperation mechanisms, i.e., all the necessary conditions for success in reading. However, since the beginning of our century, we notice

Mots-clés: Lecture, Lecteur-Modèle, Paratexte, Préface, Enseignement de la Littérature.

Keywords: Reading, Reader-Model, Paratext, Preface, Teaching Literature.

l'ensemble des conditions nécessaires de réussite dans la lecture. Cependant, à partir des débuts de notre siècle, nous observons l'intérêt croissant de la recherche dans la discipline qui puisse intégrer aussi à la réflexion d'autres éléments, non forcément textuels, c'est-à-dire, les lecteurs empiriques et leurs contextes de lecture. Dans cette mouvance nous analysons les possibilités d'actualisation du Lecteur(s)-Modèle dans une préface d'auteur, genre textuel que nous comprenons en tant qu'un espace de "projections".

a growing interest in the research on the ways that could integrate also things from different natures, not necessarily textual, that is to say, empirical readers and their reading contexts. Adopting this trend we analyze the possible "actualization" of the Reader (s) Model using a preface of a writer, in a preface author, a textual kind that we take as a space "projections".

Todo texto quer que alguém o ajude a funcionar

UMBERTO ECO

Introdução

Identifica-se crescimento do interesse nos estudos literários a partir da segunda metade do século XX. Assim atestam diversas obras, seja nas de pesquisadores da área, como na coletânea do Grupo de Pesquisa sobre Leitura (GREL) da Universidade do Québec em Montréal, organizada por Bertrand Gervais e Rachel Bouvet;* seja nas de obras de cunho mais geral, cujo objeto é constituir panorama dos estudos literários, como nas obras de Antoine Compagnon* Ainda que, como nos lembra a pesquisadora Regina Zilberman,* seja possível identificar, já na Antiguidade Clássica, no conceito de catarse da *Poética* de Aristóteles, um interesse pelos efeitos da tragédia no público.

A autora mostra como o interesse pela recepção e pela leitura vai se desenvolvendo até chegar aos trabalhos da Estética da Recepção associada à Escola de Constança, nas figuras dos pesquisadores de Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser na década de 1970. Enquanto o primeiro se interessou pelos fenômenos de recepção, ou seja, os fenômenos de ordem coletiva, ao refletir sobre a mudança de normas e valores no comportamento dos leitores nos sistemas

* (GERVAIS, Bertrand e BOUVET, Rachel. *Théories et pratiques de la lecture littéraire*. PUQ: Québec, 2007.)

* (COMPAGNON, Antoine. *Le démon de la théorie: littérature et sens commun*. Paris: Seuil, 1998.) ou Terry Eagleton. (EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. de Waltensir Dutra. São Paulo: 2006.)

* (ZILBERMAN, Regina. "Recepção e leitura no horizonte da literatura". *Alea* nº1, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008: 85-97.)

literários na história, o segundo esteve efetivamente detido na atividade, individual, de leitura, no sentido de que buscou descrever a maneira como se dá o ato da leitura.

Concomitantemente aos trabalhos de Iser na Alemanha, Umberto Eco, na Itália, interessava-se também pelo processo de construção de sentido no ato da leitura. O autor publicara *Obra aberta** no início dos anos 1960 na Itália, na qual se questionava sobre os modos de interpretação da obra de arte, sobre os dispositivos que permitem ao seu destinatário entregar-se às diversas interpretações, e em que medida as características estruturais à obra autorizam e regulam essas interpretações. Já no final dos anos 1970, Eco publica na Itália *Lector in Fabula*,* coletânea de trabalhos na qual se concentra e aprofunda-se na questão da relação estabelecida entre leitor e texto no ato da leitura.

No horizonte das pesquisas sobre leitura literária, pois, os conceitos de Leitor-Modelo desenvolvido por Umberto Eco e o de *leitor implícito*, de Wolfgang Iser,* permitem que se reflita sobre as formas como são configuradas no texto as condições para sua recepção. Nas duas obras referidas, os autores refletem sobre o modo de construção do Leitor-Modelo para Eco e leitor implícito para Iser como estratégias de cooperação textual em textos narrativos. Iser ilustra sua discussão acerca da leitura e sobre o modo como a noção de indeterminação e de “espaço vazio”*, por meio de um romance do século XVIII, *Joseph Andrews*, de Henry Fielding,* constituem o próprio da leitura literária na apreensão – pelo leitor – do efeito que já está potencialmente na estrutura da obra, mas que se realiza pelo modo como esse leitor o atualiza em função de seu *horizonte de expectativas*. Eco, por sua vez, oferece, a título de aplicação de suas propostas, a análise de um romance do século XIX, *Un drame bien parisien*, de Alphonse Allais.* Em ambas as obras analisadas, discutem-se os mecanismos textuais de legibilidade que fazem emergir os conhecimentos de mundo do leitor (empírico); ambos postulam, pois, a constituição dessa configuração de *leitor* que cumpriria as condições ideais de atualização da obra lida.

Esse Leitor-Modelo, vale lembrar, é, pois, uma instância textual, um “conjunto de *condições de êxito*, textualmente estabelecidas, que devem ser satisfeitas para que um texto seja plenamente atualizado no seu conteúdo potencial”.* Estamos, em ambas as propostas, na análise das potencialidades, condições, limites, espectros, indeterminações de leitura a serem realizadas. Esse é, aliás, um dos

* (ECO, Umberto. *Obra aberta*. Trad. de Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 1991.)

* (ECO, Umberto. *Lector in fabula*. Trad. de Attilio Ciancian. São Paulo: Perspectiva, 1985.)

* (ISER, Wolfgang. *Implied reader*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1990.)

* (ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*. São Paulo: editora 34, 1999: 126.)

* (FIELDING, Henry. *Joseph Andrews*. Londres: Dover Thrift, 2001.)

* (ALLAIS, Alphonse. *Un drame bien parisien*. Paris: Étre, 2007.)

* (ECO, *op. cit.*:45.)

limites que se apontam em seus trabalhos; mas se lembrarmos, com Eco, que o “o texto é um produto cujo destino interpretativo deve fazer parte do próprio mecanismo gerativo. Gerar um texto significa executar uma estratégia de que fazem parte as previsões dos movimentos de outros”,* e que por “outros” entendem-se os leitores, é possível partir da análise das configurações desse Leitor-Modelo – designado no singular por representar *um conjunto de estratégias*, mas que traduz uma pluralidade – refletir e observar como leitores empíricos dialogariam com o Leitor-Modelo.

* (*Ibidem*: 39.)

Mas e o leitor?

Com efeito, é possível identificar no final do século XX e na primeira década dos anos 2000, interesse crescente na pesquisa sobre os desdobramentos das teorias da leitura acima elencadas que pudessem contemplar um aspecto empírico, sobretudo por alguns grupos de pesquisadores da área do ensino da literatura; mas também por pesquisadores que buscam integrar a “resposta do leitor” à reflexão teórica nos estudos literários. Dentre os primeiros, destacamos os trabalhos desenvolvidos, na França, por Annie Rouxel e Gérard Langlade;* dentre os segundos, o norte-americano David S. Miall,* além dos trabalhos desenvolvidos pelo grupo GREL (citados acima) coordenado por Bertrand Gervais da UQUAM.

* (ROUXEL, Annie e LANGLADE, Gérard. *Lecture subjective et enseignement de la littérature*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2004.)

* (MIALL, David S. *Literary Reading: empirical & theoretical studies*. New York: Peter Lang, 2007.)

Em seu artigo “Mutations épistémologiques et enseignement de la littérature: l’avènement du sujet lecteur”¹ (inédito), Annie Rouxel identifica, na França, um momento de crise da leitura – literária – escolar atribuída à forma como se didatizaram os estudos literários, em outras palavras, na forma como os trabalhos desenvolvidos na teoria e crítica literária transformaram-se em objetos de aprendizagem:

O desinteresse dos jovens pela leitura ocorre no ensino médio, no momento em que se torna um exercício acadêmico, avaliado em obras complexas – clássicos entre outros. A leitura obrigatória com base em uma série de observações formais impede qualquer investimento pessoal do leitor. O texto é quase sempre um pretexto para a implementação de ferramentas de análise. Portanto, rotina sem alma.

Na universidade, um formalismo excessivo gera uma leitura erudita e eficaz, mas sem corpo. Picard* e J.-M. Delacomptée* denunciam a seca deste tecnicismo brilhante, “decodificação racionalizante”,

* (PICARD, Michel. *La Lecture comme jeu*. Paris: Minuit, 1986: 96.)

¹ “Mutações epistemológicas e ensino da literatura: o advento do sujeito leitor”.

que transformam os alunos em “macacos sábios” ... “Um pouco menos de ciência, um pouco mais de consciência” conclama J.-M. Delacomptée.

É possível, mapear, na França, uma série de títulos de autores importantes que convidam a refletir sobre essa crise. No início dos anos 2000, Compagnon publica sua aula inaugural como professor do Collège de France, intitulada “A literatura, para quê?”;* Tzvetan Todorov, alarmado com os (maus) resultados dos adolescentes nas provas de conclusão do ensino médio, publica o ensaio com o alarmante título “A literatura em perigo”* e Pierre Bayard, que se tornou um improvável *best-seller*, com o promissor título “Como falar dos livros que não lemos”, entendido por vários como um manual de sobrevivência mundana.* Cada um desses autores envereda por debates distintos, aquele que efetivamente encampa a crítica anunciada por Rouxel é Todorov, crítica esta que pode ser identificada também em uma sequência de ensaios publicados no Brasil por Leyla Perrone-Moisés na primeira década dos anos 2000.* Ainda que o ensino da literatura não seja o objeto de nossa discussão aqui, um dos aspectos que essa onda de publicações parece poder suscitar como reflexão é que a impossibilidade de se constituir uma teoria do leitor empírico parece implicar sua exclusão como variável da atividade que, paradoxalmente, só pode se realizar quando da sua atualização, que é, contudo, neutralizada na análise. Não se trata, pois, de fazer teoria da(s) leitura(s) empírica(s), mas reconhecer as possibilidades de abrir as vias de pesquisa à incorporação dessa variável para reflexão sobre o ato da leitura.

Tantos Leitores-Modelos quantos leitores empíricos houver?

Se existe aparente interesse pelos trabalhos teóricos na área da leitura literária na última década de maneira mais acentuada no ponto de vista dos processos dessas leituras, os estudos da linguística aplicada e da didática de línguas,² ainda que seus objetos sejam distintos, contribuem no sentido de oferecer modelos descritivos das

² Em função da língua estrangeira (ou da filiação teórica à qual se associa o pesquisador), há tendência à adoção de uma nomenclatura em detrimento de outra. Assim, parte expressiva das pesquisas relacionadas ao ensino do Francês Língua Estrangeira (FLE) está associada à Didática de Línguas Estrangeiras, enquanto a quase totalidade das publicações de mesmo cunho em língua inglesa está associada à rubrica “Linguística Aplicada”.

* (DELACOMPTÉE, Jean.-Michel. «Un peu moins de science, un peu plus de conscience». Paris: *Le Français aujourd'hui*, n°145, 2004: 48.)

* (COMPAGNON, Antoine. *La littérature, pourquoi faire?* Paris: Collège de France/Fayard, 2007.)

* (TODOROV, Tzvetan. *La littérature en péril*. Paris: Flammarion, 2007.)

* (BAYARD, Pierre. *Comment parler des livres qu'on a pas lus?* Paris: Editions de Minuit, 2007.)

* (PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Inútil poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000: 345; “Literatura para todos”. *Literatura e Sociedade*, n. 9. São Paulo: Universidade de São Paulo/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, 2006; “O ensino da literatura”. In: NITRINI, Sandra et al. *Literatura, artes e saberes*. São Paulo: Abralic/ Hucitec, 2008.)

operações em jogo no ato da leitura. Nesse sentido, para se tratar de leitura é preciso que se integre a variável leitor (e seus processos para tratamento da informação) ao modelo.

* (DUMORTIER, Jean-Louis. *Lire le récit de fiction*. Bruxelles: De Boeck, 2001.)

Dentre os pesquisadores da área da leitura na área do ensino,* há relativo consenso quanto a um *modelo interativo de compreensão escrita*, que entende a leitura como um processo construído sempre por três variáveis: texto, leitor e contexto. Destacamos aqui, segundo descrição de Giasson,* a variável *leitor*.³ Este trata a informação em duas instâncias, em função das estruturas afetivas (percepção do ato da leitura, projeto de leitura, interesses, etc.) e das estruturas cognitivas (conhecimentos de ordem linguística e conhecimentos de mundo). O interesse de partir do modelo interativo de compreensão escrita é que devemos, como pesquisadores, considerar as três variáveis que compõem o modelo para a reflexão. Logo, toda leitura deve ser pensada de acordo com o contexto, a materialidade espacial do lugar onde se lê (a sala, luz, página, tela) e com sua dimensão social (suas práticas de letramento e o lugar social daquela leitura em particular). Além disso, há de se levar em conta o leitor em suas dimensões afetivas e cognitivas, bem como a especificidade dos textos e dos leitores em questão.

* (GIASSON, Jocelyne. *La compréhension en lecture*. Bruxelles: De Boeck, 1990.)

Parece-nos, pois, que o processo da leitura só pode ser considerado *se* consideradas as estruturas afetivas e cognitivas do leitor, o que implica considerar que toda leitura é social e historicamente inscrita e que a noção de Leitor-Modelo, altamente dependente da atualização realizada por leitores empíricos, não pode ser uma imanência no texto, mas sim um espectro que comporta uma gama de Leitor(es)-Modelo(s) de determinado texto.

Propomos aqui a reflexão a propósito da relação entre leitores empíricos e Leitor(es)-Modelo(s) em um gênero textual onde há investimento textual, em outras palavras, em um gênero em que o ponto de vista do leitor seja investido por uma pessoa do discurso, um “tu, leitor” a quem se dirige o “eu, autor”, como nos prefácios de autor.

É possível identificar, nesses textos, um jogo entre a projeção do leitor a quem o texto se dirige, seu destinatário, o Leitor-Modelo (estratégia textual que é constituída pela configuração desse destinatário), e o leitor empírico, que reconhece, na leitura do pre-

³ Permitimo-nos, aqui, destacar de forma bastante breve apenas um aspecto do modelo. Para uma descrição completa, consultar <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-10082007-160046/pt-br.php>

fácio, um destinatário (com quem se identifica ou não) e um Leitor-Modelo (como repertório de saberes necessários e previsíveis para a atualização do texto). É importante observar, entretanto, que a representação do Leitor-Modelo feita pelo do leitor empírico é, em si, uma atividade de leitura e de projeção, pois diferentes leitores empíricos configurarão diferentes Leitores-Modelos em um mesmo texto. Existe, sem dúvida, uma materialidade daquilo que é estável no texto, as configurações do Leitor-Modelo, mas elas são inferências dos diferentes leitores empíricos.

Bêbados muito ilustres, e vós, sífilíticos muito preciosos

Podemos retomar um ilustre exemplo na história dos prefácios, o prólogo do autor de François Rabelais à obra *Gargantua*:* “Bêbados muito ilustres, e vós, sífilíticos muito preciosos, pois é a vós, e não aos outros, que eu dedico meus escritos [...]”.⁴ O “vós” do prólogo é seu destinatário, sim, mas o leitor empírico desse prólogo, por sua vez, pode ou encarnar o papel desse destinatário, ou compreender o “vós” como outro (assim como quando se lê uma carta da qual não se é destinatário), um bêbado sífilítico a quem o autor se destina, mas que ele, leitor empírico, não encarna por diferentes razões: seja pelo intervalo histórico que separa a produção e a recepção da obra *Gargantua*, se pensarmos em uma leitura atual; seja pela não identificação com a imagem de leitor construída pelo texto, por exemplo. Postulamos, com efeito, a hipótese de que o leitor empírico encarne esse “vós” do prólogo – uma vez que é, concretamente, seu leitor –, mas que guarde relativo distanciamento em relação a esse papel. A atualização do texto e configuração do Leitor-Modelo pelo leitor empírico vai ser constituída pela “enciclopédia”* deste, bem como pelos *frames*,* ou seja, pela forma como está armazenada sua experiência de mundo, e tanto a enciclopédia (conjunto de conhecimentos de mundo de que dispõe o leitor) quanto os *frames* variam em função da inscrição sócio-histórica dos diferentes leitores. É nesse intervalo entre o destinatário construído no prólogo e sua atualização pelo leitor que se configura o delineamento do Leitor-Modelo. Chamamos, aqui, esse intervalo de texto-tela a partir do conceito de “livros-tela”,⁵* “caráter

* (RABELAIS, François. *Gargantua*. Paris: Pockets Classiques, 1992 [1534]: 35.)

* (ECO, *op. cit.*: 39.)

* (*Idem.*)

* (BAYARD, *op. cit.*: 52-53.)

⁴ No original: “*Buveurs très illustres, et vous, vérolés très précieux – car c’est à vous, non aux autres, que je dédie mes écrits [...]*”.

⁵ “[...] *livres-écrans [...]* caractere projectif de l’oeuvre, qui devient le réceptacle des

projetivo da obra, que se torna receptáculo de fantasmas”, “ilusão compartilhada”. Nesse sentido, em um gênero textual como esses é possível observar esse fenômeno de forma mais evidenciada, em razão do próprio papel exercido pelos prefácios como paratexto das obras que apresentam.

Assim, textos como os prefácios de autores, em que uma forma mais explicitamente dialógica está prevista – um “eu, autor” se dirige a um “tu, leitor” –, constituem-se em um espaço interessante para a reflexão a propósito maneira como se articulam as noções de destinatário, Leitor-Modelo e leitor empírico.

Com efeito, desde que Gérard Genette publicou seu livro intitulado *Seuils*,* que pode ser traduzido por “Umbrais”, “Limiares” ou simplesmente “Paratextos editoriais”, é difícil pensar na leitura de um livro sem considerar os elementos conhecidos como paratextuais. Segundo Philippe Lejeune,* é este conjunto que, “na realidade, comanda toda a leitura”; conjunto este, ainda segundo Lejeune, que vai desde o nome de autor, do título e subtítulo, passando pelo nome de coleção e nome de editor, até o que chama de “o jogo ambíguo dos prefácios”. É esse jogo presente nos prefácios que faz destes um tipo bastante específico de paratexto, motivo pelo qual Genette, na obra em questão, dedica a eles, não apenas um, mas três dos treze capítulos que compõem a obra.⁶ No capítulo em que define o que chama de “instância prefacial”, Genette, faz inicialmente a seguinte consideração:

Chamarei aqui de *prefácio*, por generalização do termo mais frequentemente empregado em francês, toda espécie de texto liminar (preliminar ou pós-liminar) [...], que consiste num discurso produzido a propósito do texto que segue ou precede. O “posfácio” será, pois, considerado como uma variedade de prefácio, cujos traços específicos, incontestáveis, parecem-me menos importantes do que aquilo que tem em comum com o tipo geral.^{7*}

* (GENETTE, Gérard. *Seuils*. Paris: Seuil, 1987.)

* (LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975:45.)

* (GENETTE, op.cit.: 164)

fantasmes [...]”

⁶ O primeiro dos três capítulos chama-se “A instância prefacial”, no qual faz, além de uma breve história das origens do prefácio, uma descrição da forma, do lugar, do momento, dos destinadores e dos destinatários. O segundo, intitulado “As funções do prefácio original”, é dedicado aos temas e funções desse tipo de prefácio que é o caso do de *Gargantua*. No terceiro, sobre “Outros prefácios, outras funções”, discute outras formas de prefácio, que não dizem respeito àquelas tratadas aqui.

⁷ No original: “*Je nommerai ici préface, par généralisation du terme le plus fréquemment employé en français, toute espèce de texte liminaire (préliminaire ou post-liminaire) [...], consistant en un discours produit à propos du texte qui suit ou qui*

Mais à frente, Genette elenca alguns do que chama de “paranônimos” do prefácio, onde se encontram termos como “introdução”, “notícia”, “aviso”, “apresentação”, “exame”, “preâmbulo”, “anúncio”, “prelúdio”, “discurso preliminar”, “exórdio”, e, para o posfácio, “*après-propos*”, “*après-dire*”, “*post-scriptum*” e outros. Essa lista também inclui o “prólogo”, nome que Rabelais dá ao texto com que introduz *Gargantua*. Os prefácios desse autor são, aliás, considerados um marco na história dos prefácios, como afirma Genette, ao concluir sua “pré-história” do prefácio:

Parece-me adequado concluir este sobrevoos sobre o que, já em plena idade do livro impresso, proclama de maneira mais brilhante e mais representativa o advento do prefácio moderno: os prólogos de Rabelais. O de *Pantagruel* não passa de uma espécie de contrato de continuação em relação às *Grandes Crônicas* medievais, perante as quais nos oferece “outro livro do mesmo tipo, sendo, contudo, um pouco mais justo digno de fé”. O de *Gargantua* é muito mais ambicioso, ainda que ambíguo (voltarei a isso): é, como se sabe, o convite semi-bufão a uma leitura interpretativa, ao “mais alto sentido”. Após esse lance brilhante, a sequência seria mais difícil de negociar, pois seria necessário indefinidamente renovar esse convite.^{8*}

* (Ibidem:172)

As considerações de Genette não se atêm apenas aos dois primeiros prólogos, mas avança ainda sobre os do *Terceiro Livro* e o do *Quarto Livro*, vendo o que cada um dos quatro textos introdutórios de Rabelais tem de específico. Citamos, aqui, os dois primeiros, sobretudo o de *Gargantua*, que Genette considera um “lance brilhante” da parte de Rabelais, sobretudo por sua ambiguidade.

Antes, contudo, de se ater às funções do prefácio, aspecto para o qual dá maior destaque, Genette* comenta aspectos comuns ao gênero textual: a forma, geralmente em prosa; o lugar, geralmente no início (o que faz do posfácio uma forma mais discreta); o momento em que funcionalmente se exerce sobre o leitor coin-

* (Op. cit.)

précède. la « postface » sera donc considéré comme une variante de la préface, dont les traits spécifiques, incontestables, me paraissent moins importants que ceux qu'elle partage avec le type général».

⁸ No original: “*Il me semble que juste clore ce survol sur ce qui, déjà en plein âge du livre imprimé, proclame de la manière la plus éclatante et la plus représentative de l'avènement de la préface moderne: les prologues de Rabelais. Celui de Pantagruel n'est qu'une sorte de contrat de continuation par rapport au Grandes Chroniques, dont il nous offre "un autre livre du même billon, sinon qu'il est un peu plus équitable et digne de foi". Celui de Gargantua est beaucoup plus ambitieux, quoique ambigu (j'y reviendrai) c'est, comme nul n'en ignore, l'invitation semi-bouffonne à une lecture interprétative à "plus haut sens". Après coup d'éclat, la suite sera lus difficile à négocier, car il faudra indéfiniment renouveler cette invitation*”.

cide com o momento da publicação; os destinatadores, que podem ser reais ou não; e ainda os destinatários, instância especialmente relevante aqui, pois trata do leitor.

* (*Ibidem*: 197.)

Sobre este destinatário, Genette* comenta que este é o leitor do texto *de facto* porque, acredita Genette, “o leitor de prefácio já é necessariamente detentor do livro (lê-se menos facilmente um prefácio do que um *release* numa livraria)”. Apesar de essa afirmação poder ser facilmente contestada, ela faz com que se atente para aspecto de grande relevância: a materialidade do livro, ou do texto. Basta que o prefácio esteja em outro lugar, como numa antologia ou numa fotocópia em sala de aula, para que esse destinatário se defina de outra forma. De todo modo, o que se anuncia é que a compreensão do prefácio passa, sobretudo, pelo estudo de suas funções.

* (*Ibidem*: 200.)

Genette* destaca, logo de início, o fato de que cada prefácio, na maioria das vezes, “preenche diversas funções sucessivas ou simultâneas”, que estariam ligadas a dois grandes temas: o tema do *porquê* – ao qual se ligam as funções da importância, da novidade, da unidade e da veracidade – e o tema do *como* – ao qual ele vincula as funções de gênese, escolha de um público, comentário do título, contratos de ficção, ordem de leitura, indicações de contexto, declarações de intenção, definições genéricas e esquivas. Não se trata aqui de retomar todas as funções uma a uma, mas sim de ver em que medida elas iluminam a especificidade do prefácio de autor na maneira como esse configura seu Leitor-Modelo.*

* (ECO, op.cit.)

Se, de acordo com Genette (Op. cit.), o leitor do prefácio é o leitor do texto, isso implica dizer que ele encarna, no ato da leitura, o papel do “tu/vós” a quem se dirige o autor, como lemos no prefácio de Rabelais ao *Gargantua*. Nesse sentido, chama a atenção assertiva de Genette em que declara:

O *prefácio original* tem por função cardinal *garantir ao texto uma boa leitura*. Essa fórmula tola é mais complexa do que pode parecer, pois compreende duas ações. A primeira condiciona, sem garantir de modo algum, a segunda, como uma condição necessária e não suficiente: 1) *obter uma leitura* e 2) *fazer com que essa leitura seja boa*.^{9*}

* (GENETTE, op. cit.: 200)

⁹ No original: “*La préface originale a pour fonction cardinale d’assurer au texte une bonne lecture. Cette formule simplette est plus complexe qu’il n’y peut sembler, car elle se laisse analyser en deux actions, dont la première conditionne, sans nullement la garantir, la seconde, comme une condition nécessaire et non suffisante: 1. obtenir une lecture et, obtenir que cette lecture soit bonne*”.

O que se destaca aqui é, por um lado, certo caráter persuasivo do prefácio, que quer, em princípio, convencer o leitor a empreender a leitura; e, por outro, um caráter, se não prescritivo, ao menos valorativo, daquilo que deve ser considerado uma boa leitura. Para Genette, contudo, a motivação à qual se vincula a valoração não predomina. Com efeito, ele identifica

relativo apagamento, desde o século XIX, das funções de valorização (argumentos do porquê, que aliás encontraram, nesse meio tempo, outros suportes que não o prefácio) em benefício das funções de informação e de guia da leitura: temas do como, que apresentam a vantagem de *pressupor* o porquê e, portanto, pela virtude bem conhecida da pressuposição, de impor de uma maneira imperceptível. Quando um autor explica com cortesia *como* você deve ler seu livro, você já está em má situação para replicar.^{10*}

* (GENETTE, op. cit.: 212. Grifo do autor.)

A questão das indicações do como ler são, portanto, centrais no prefácio, trata-se de, *em meio de e por meio desse* jogo ambíguo,

colocar o leitor – definitivamente suposto – em posse de informações julgadas, pelo autor, necessárias a essa boa leitura. E os próprios conselhos têm todo o interesse de se apresentar sob o aspecto de informações: informações, por exemplo – caso possa interessar –, sobre a maneira pela qual o autor deseja ser lido.^{11*}

* GENETTE, op. cit.: 200.

A questão do “suposto leitor” é aqui central, pois o desafio é ver em que medida o leitor empírico corresponde a esse leitor projetado *na e pela* obra e, com frequência, de modo ímpar nos prefácios, como se pode notar aqui, pois, como afirma Iser a propósito do fenômeno de apreensão de um texto, sua singularidade está relacionada ao fato de: “sermos pontos de vista movendo-nos por dentro do que devemos apreender”,* mas, como observado, esta não é sempre uma relação clara e direta. Ao comentar a “escolha de

* (ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*. Trad. de Johannes Kreschmer. São Paulo: Editora 34, 1999: 12.)

¹⁰ No original: “*Un relatif effacement depuis le XIX^e siècle, des fonctions de valorisation (arguments du pourquoi, qui ont d’ailleurs, entre-temps, trouvé d’autres supports que la préface) au profit des fonctions d’information et de guidage de la lecture: thèmes du comment, qui présentent l’avantage de présupposer le pourquoi, et donc, para la vertu bien connue de la présupposition, de l’imposer d’une manière imperceptible. Quand un auteur vous explique avec obligeance comment vous devez lire son livre, vous êtes déjà en mauvaise position pour lui répliquer*”.

¹¹ No original: “*Mettre le lecteur – définitivement supposé – en possession d’informations jugées, par l’auteur, nécessaires à cette bonne lecture. Et les conseils eux-mêmes ont tout intérêt à se présenter sous l’aspect d’informations: informations, par exemple – au cas où cela pourrait vous intéresser –, sur la manière dont l’auteur souhaite être lu*”.

um público” por parte do autor, Genette* declara que “os autores têm frequentemente uma ideia bastante precisa do tipo de leitor que desejam e que sabem poder tocar; mas também daquele que desejam evitar” e cita, entre outros exemplos, o prólogo de *Gargantua*, endereçado “aos bêbados e sífilíticos”, como se estes fossem o público ao qual Rabelais destina seu livro.

Consciente, contudo, da complexidade envolvida nos prólogos de Rabelais, Genette, ao comentar as declarações de intenção presentes nos prefácios, lembra, primeiramente, que “a mais importante, talvez, das funções do prefácio original consiste numa interpretação do texto pelo autor, ou, caso se preferira, numa declaração de intenção”.^{*} Esta declaração de intenção, por sua vez, pode ser bastante equívoca. Ao comentar as possíveis intenções do autor contidas no que chama de “o primeiro prefácio moderno no sentido amplo do termo”, isto é, o prólogo de *Gargantua*, Genette declara:

* (*Ibidem*: 224.)

Lembro somente que Rabelais, após ter convidado seu leitor a superar as promessas alegres do título em benefício de uma interpretação “no mais alto sentido” e de uma “doutrina mais difícil de entender”, acrescenta imediatamente que essas profundezas hermenêuticas correm o risco, como em Homero ou Ovídio, de terem escapado ao autor. Que exista aí uma sátira aos excessos interpretativos da escolástica, é também uma manobra para atrair um novo público mais exigente do que aquele de *Pantagruel*, prometendo-lhe tesouros escondidos com os quais ele mesmo, como o lavrador de La Fontaine, não se preocupava de modo algum, nada muda na estratégia de conjunto, que consiste em sugerir ao leitor uma abordagem interpretativa convidando-o, seja totalmente por acaso, a “quebrar o osso”.^{12*}

* (*Ibidem*: 225.)

O interessante é que, no caso desse texto, que o próprio Genette, na página citada, chama de “deliberadamente ambíguo”, o convite é para a adoção de uma abordagem interpretativa que, por ser polissêmica, faz, como desenvolvido a seguir, com que tanto

¹² No original: “Je rappelle seulement que Rabelais, après avoir invité son lecteur à dépasser les promesses folâtres du titre au profit d’une interprétation ‘à plus haut sens’ et d’une doctrine plus absconse, ajoute aussitôt que ces profondeurs herméneutiques risquent fort, comme celles qu’on veut trouver chez Homère ou Ovide, d’avoir échappé à leur auteur. Qu’il ait là une satire des excès interprétatif de la scolastique, et aussi une manœuvre pour attirer un nouveau public plus exigeant que celui de Pantagruel en lui promettant des trésors cachés dont lui-même, comme le laboureur de La Fontaine, ne se souciait guère, ne change rien à la stratégie d’ensemble, qui consiste à suggérer au lecteur une démarche interprétative en l’invitant, fût-ce à tout hasard, à ‘rompre l’os.’”

a imagem do leitor quanto as camadas de sentido a serem reveladas sejam tão moventes e escorregadias a ponto de Genette tomar este prólogo como o extremo de uma postura “equivóca” por parte do autor do prólogo. E, um texto sem margens precisas, em que o equívoco possa levar o leitor a *errar*, pode permitir que o leitor de hoje se pense diante do texto.

A ambiguidade construída, as instruções de leitura, as expectativas quanto à recepção, o público a que se destina e o público que se rejeita são todos aspectos que remetem, pois, à situação de construção de sentido no texto escrito. Fazer com que leitores discutam esses aspectos implica refletir sobre a constituição do leitor. Fazer com que essa reflexão se concentre em um prólogo no qual impera a ambiguidade, a plasticidade semântica, exige ainda maior investimento interpretativo dos leitores, que são mais do que convidados a fazer funcionar essa “máquina preguiçosa”,* mecanismo que depende da atualização realizada no ato da leitura.

*(ECO, op. cit.: 37.)

Os leitores atuais de Rabelais estão diante do que chamo aqui de *prólogo preguiçoso*. Mais do que uma máquina, Rabelais oferece uma engenhoca com o manual de instruções acoplado ao mecanismo: os sentidos atualizados oferecem indícios daquelas que podem ser as instruções. À primeira vista, não levar a sério um texto que convida a ensinar nada além do que algo sobre o riso; mas, que fique atento o leitor para tudo de sério que nele está contido, respaldando seus argumentos em Homero, Sócrates e Platão. Como se comportar diante das instruções?

As expectativas nesse sentido são, e a leitura do prólogo conduz a essa reação, de valorizar as referências à cultura clássica como forma de se resolver as charadas construídas, estaria o leitor empírico à altura do Leitor-Modelo projetado pelo texto? Pode ele investir-se, pois, do papel de destinatário de um texto que, tudo indica, não foi escrito para ele? Seguirá, o fiel discípulo, as orientações ali contidas? As expectativas são de ver como operam os maquinistas atuais.

Rita Jover-Faleiros, bacharel, mestre e doutora em Língua e Literatura Francesa pela Universidade de São Paulo, é professora adjunta de Língua Francesa na Universidade de Brasília, onde desenvolve pesquisa na área da leitura e do ensino leitura literária em contexto de formação em Francês Língua Estrangeira (FLE). Publicações recentes: JOVER-FALEIROS, Rita. “Leitura Literária e Ensino do Francês Língua Estrangeira: consenso

teórico, ausência na prática?” *Fragmentos* (UFSC), v. 1, p. 163-177, 2012.

JOVER-FALEIROS, Rita. “Problemas de leitura e problemas com a leitura: noções para a abordagem da leitura em contexto de ensino/aprendizagem de FLE”. In: Cristina Pietraróias; Heloísa Albuquerque-Costa. (Org.). *O ensino da língua francesa em contexto(s). O ensino da língua francesa em contexto(s)*. São Paulo: Editora Paulistana, 2012, v. 1

JOVER-FALEIROS, Rita. Paratextos em diálogo com o leitor: o prefácio como construção dos parâmetros de recepção do texto. In: IV Simpósio Internacional de Linguística da Cruzeiro do Sul, 2011, São Paulo. *Anais do IV Seminário Internacional de Linguística: Discurso, Gênero e Memória*. São Paulo: Terracota, 2011. v. 1. joverfaleiros@unb.br

Recebido em
15/08/2012

Aprovado em
20/09/2012